



ESTATUA DE NELSON.

HORACIO NELSON foi um dos capitães mais insignes da marinha de guerra britannica em os nossos tempos. Começou a practicar com um tio seu, a bordo do *Reasonable*, e logo depois em navios mercantes, porque manifestou grande aversão ao serviço real; diligenciou porem o tio chama-lo de novo para a armada, e conseguiu embarca-lo no *Tamisa*, embarcação onde Nelson lucrou duas cousas, perder a repugnancia que tinha á marinha de guerra, e adquirir grande pericia no exercicio da pilotagem. Passou a servir na expedição ao polo do norte ás ordens do capitão Phipps; e recolhida esta foi activamente empregado nas Indias orientaes e occidentaes, começando nesta epocha a distinguir-se entre os seus camaradas: durante o inverno de 1781 a 1782 andou crusando no mar do norte, e dalli foi mandado para Quebec no Canadá, onde permaneceu até a conclusão da paz entre os Estados-Unidos Americanos e a antiga mãe-patria. Continuou no desempenho de outras commissões, até que se recolheu a Inglaterra em 1787, já casado, e com 23 annos de idade; por quasi seis annos gozou de descanso, mas

rebetando a revolução franceza, foi encarregado de commando do *Agamemnon*, de 64 peças, a 30 de Janeiro de 1793, na esquadra ás ordens de Lord Hood, mandada ao sul da França: neste serviço foi com despachos á côrte de Napoles, e dahi a pouco a Tunes juntando-se com o Comodoro Linzee para exigirem satisfações daquella regencia que favorecia os francezes: subsequentemente foi mandado para a Corsega com uma esquadrilla, e assistiu á capitulação de Bastia a 19 de Maio de 1794: no sitio de Calvi coadjuvando Sir Charles Stuart, perdeu um olho, por causa da areia que levantou uma bala que proximo d'elle batêra no chão. Quando o Almirante Hotham substituiu Lord Hood no mando das forças navaes que os inglezes mantinham no Mediterraneo, travou-se um combate parcial com a esquadra franceza, e Nelson a bordo do *Agamemnon* tomou dois navios da frota inimiga. Immediatamente foi servir no bloqueio de Genova, cooperando com os austriacos, para deitarem fóra daquelle estado as tropas da França. Continuou no Mediterraneo empregado em varios serviços, distinguindo-se sempre por esforço,

ousadia e actividade, até a batalha de 14 de Fevereiro de 1797, em que a armada hespanhola, composta d'altosos navios, foi desbaratada. Nelson neste feito d'armas ganhou a patente de contra-almirante, a condecoração da Ordem do Banho, e outros premios. Assistiu ao bombardeamento de Cadix. Pouco depois fez uma tentativa contra a fortaleza e cidade de Santa Cruz na ilha de Tenerife, uma das Canarias, com tres naus de linha e tres fragatas: chegaram os inglezes a pôr pé em terra no porto; mas foram repellidos com perda não pequena: Nelson ao saltar do hote recebeu um tiro no cotovelo direito que teve por consequencia immediata a amputação do braço. Posto que falhasse esta empreza conseguiu Nelson novas honras com uma pensão de mil libras esterlinas. Por esta occasião viu-se obrigado a appresentar um memorial em que refere a longa serie dos seus serviços, e alem de muitos mais inferiores mostrou naquelle papel os seguintes; — que assistira a quatro batalhas navaes contra esquadras hostis, e á tomada de tres cidades; que concorrera para o aprezamento de sete naus de linha, seis fragatas, quatro corvetas, e mais onze embarcações, alem de cincoenta navios mercantes; que entrara em combate cento e vinte vezes; que perdêra o olho e o braço direito, e recebêra outras graves feridas.

Em 1798 Nelson arvorou o seu signal a bordo do — Vanguard — e reuniu-se em Gibraltar a Lord S.^t Vicent, que o mandou a nove de Maio vigiar a sahida do Porto de Toulon da expedição franceza ao Egypto. Contra esta expedição partiu depois commandando treze naus, todas de 74 canhões: depois de tocar em portos a colher noticias e munições, chegou a Alexandria no primeiro d'Agosto do mesmo anno, e encontrou a frota franceza, surta na bahia de Aboukir: ateou-se o combate que durou do dia 12 até o dia 13 d'Agosto; e em resultado foram rendidas oito das embarcações francezas, uma foi pelos ares com uma explosão, duas fugiram e duas encaharam, sendo destas uma abandonada e a outra queimada pela tripulação: a perda dos inglezes consistiu em 213 mortos e 678 feridos; e a dos francezes, segundo alguns, andaria ao todo por 2:000 homens. O almirante francez Brueys depois de ter recebido 3 feridas fez ir pelos ares o seu navio, l'Orient: Nelson foi tambem gravemente ferido na testa, e por esta victoria foi creado Barão Nelson do Nilo com uma pensão de tres mil libras por anno para si e para seus dois immediatos herdeiros varões: recebeu os agradecimentos do parlamento e medalhas de ouro cunhadas em memoria do successo. Desde então ficou Nelson principalmente empregado nas costas de Napoles, e nesse periodo sancionou um acto, que será para sempre uma nodoa no seu character não menos que na honra da bandeira ingleza, — o assassinio do principe Carracioli. Rendeu as praças de Capua e Gaeta. Em Fevereiro de 1800 fez-se de vela para Malta, e tomou uma nau franceza, que escapára d'Aboukir, e uma fragata. Deixando o capitão Trowbridge por commandante da esquadra, que bloqueava Malta [cujá ilha capitulou em Setembro de 1800] voltou a Inglaterra, onde, havia apenas tres mezes que tinha chegado, se separou de sua mulher lady Nelson, por causa de lady Hamilton. Em Março do mesmo anno deu á vela para o Baltico, indo por segundo de Sir Hyde Parker, n'uma poderosa armada, cujo exito foi o celebre feito de Copenhague, que não relatamos por ser bem conhecido e não precisar de commentarios. Quando Nelson voltou desta expedição, a qual mandava, por ter sido chamado á côrte Sir Parker, reinava o grande temor da invasão delineada por Bonaparte; Nelson

tomou o commando das praias, e foi reconhecer Boulogne na fragata Medusa, atacou a esquadrilla á boca do porto, mas viu-se obrigado a retroceder com perda de 172 homens, sem ter alcançado vantagem. Dahi em diante viveu retirado em Surrey até que o chamaram para commandar a armada no Mediterraneo em 1803, com o fim principal de espiar as sahidias do porto de Toulon: porem o almirante Villeneuve sempre conseguiu sahir para as Antilhas a 29 de Março de 1805 com 24 embarcações de linha e quatro chalupas: Nelson o seguiu com dez naus e tres fragatas e chegou á Barbada a 4 de Junho: porem ambas as frotas se recolheram á Europa, sem virem ás mãos. Cruzou depois no Canal, mas breve partiu para Cadix a cuja altura chegou a 29 de Setembro do mesmo anno de 1805, para de novo commandar as forças navaes no Mediterraneo. As velas que estavam as suas ordens eram 27 naus de linha e 4 fragatas, e com ellas intentou Nelson provocar o inimigo para que sahisse ao mar, o que assim succedeu, dando-se a memoravel batalha de Trafalgar em que o almirante inglez vencedor perdeu a vida. Este celebre combate naval teve logar no dia 21 d'Outubro do anno acima dito; as frotas combinadas, franceza e hespanhola, compunham-se de 33 naus e 7 fragatas. Foi portiosa a peleja, e quando no calor da acção Lord Nelson dava uma volta andando no castello da pôpa, recebeu uma bala de mosquetaria, disparada do navio francez *Redoubtable*, a qual lhe entrou pela espadua esquerda; foi tão mortal a ferida que o Lord almirante expirou dahi a tres horas e meia. A perda total dos inglezes constou de 450 mortos e 1:250 feridos: foram tomadas dezeseite embarcações francezas e hespanholas, e queimada uma: o almirante Dumanoir escapou para o sul com quatro velas, que em breve foram tomadas por R. Strachan: o almirante hespanhol, Gravina, recolheu-se a Cadix com as onze restantes.

Aos 9 de Janeiro de 1806, o corpo de Nelson foi sepultado em S. Paulo de Londres. A seu irmão Guilherme deram o titulo de conde com 6:000 libras annuaes; a cada uma de suas irmaãs concederam 10.000 libras, e 100:000 para a compra de bens.

Diz o historiador Southey que a morte deste heroe maritimo foi sentida na Inglaterra como calamidade publica.

OS LIVROS PERNICIOSOS.

FALLA-SE muito em livros perniciosos, em livros perigosos, e com tudo apesar dos grossos volumes dos indices expurgatorios, não é facil concordarem as opiniões sobre a casta de livros a que competem aquelles nomes. Todas as differentes opiniões teem o seu index particular de livros perniciosos ou suspeitos, que para os que seguem outra são muito sanctos e louvaveis. A mesma pessoa nas differentes epochas da sua vida, nos differentes empregos, de que é encarregada, julga differentemente dos livros perigosos. — A este respeito lemos ha pouco n'um jornal francez uma curiosa anecdota, que communicaremos a nossos leitores.

M. de L... homem d'um animo excessivamente timorato, tendo herdado uma consideravel bibliotheca, não quiz conservar nella livro algum perigoso. Era isto no tempo do imperio; e como M. de L... havia sido recentemente provido n'um emprego, tratou com muita pressa de queimar todas as obras; que directa ou indirectamente elogiasssem quaesquer republicas antigas ou modernas. — Destruído o imperio, veio a restauração; e como então

M. de L... servia dous empregos, teve cuidado de inutilisar todos aquelles d'entre os seus livros, que fallavam do imperio. — Nesta epocha M. de L... cazou-se, e logo desde os primeiros dias do noivado fez desaparecer de sua bibliotheca um grande numero de volumes, que podiam ser perigosos para uma senhora moça, e dotada d'uma imaginação viva e ardente. — Vieram os filhos, e eis-aí a bibliotheca atacada com novas proscricções. — Depois da revolução de Julho ficou M. de L... provido em tres empregos; em consequencia do que supprimiu ainda algumas obras, que não diziam inteiramente com a pureza de suas intenções. Nunca se viu empregado publico mais prudente nem mais cauteloso: nunca o receio de se comprometter foi levado a tão alto gráu. — Para occupar as horas vagas, que lhe deixavam seus empregos, M. de L... entrou a cultivar as bellas-lettras: os progressos do seu espirito e de seu bom gosto o tornaram mui difficil sobre o merito dos auctores antigos e modernos; e expurgou a sua collecção d'um grande numero de livros, que declarou indignos de figurar na bibliotheca d'um literato. — Finalmente com o crescer da idade M. de L... fez-se devoto: novo e ultimo varejo á bibliotheca. Todos os livros que poderiam ser suspeitos á mais exaggerada piedade foram proscriptos sem remissão: e a bibliotheca de M. de L... que ao principio constava de mais de 20\$ volumes, achava-se agora reduzida a 400 em virtude de todas estas eliminações politicas, conjugaes, paternaes, criticas, e religiosas.

Outra anecdota não menos curiosa, mas de differente gosto, aconteceu tambem ha poucos annos em França a proposito dos livros perigosos.

Andavam dois pretendidos missionarios correndo o meio dia da França, e chegaram a uma pequena cidade, cujos habitantes sempre foi gente de boas disposições, facil de persuadir, e propensa ao enthusiasmo. Os dois servos do senhor foram recebidos com os braços abertos; a sotaina que os cobria era um titulo sufficiente para lhes grangear toda a casta de honras, de respeito, e de bons tratamentos. Um destes pretendidos missionarios, de quem a fama tinha vindo adiante apregoar uma grande reputação d'eloquencia, annunciou um sermão, que poz em agitação toda a cidade. Prégou contra os máus livros, e acabou assim o seu sermão — É necessario, irmãos meus, dar cabo de todas essas obras inspiradas pelo demonio. Não se podem conservar sem peccado. Se hoje as tendes fechadas debaixo de chave na vossa bibliotheca, e não fazeis dellas uso máu, quem sabe a que mãos irão parar depois de vós? Fazei pois uma obra agradavel ao céu, offerecendo-lhe em holocausto esses productos do inferno. Trazei-me esses vossos livros máus, e em troco ganhareis indulgencias. Concedei-me a satisfação de ver e de contar quantos volumes profanos foi dado ás minhas palavras conquistar sobre satanaz, que os guardava.

É de advertir que com o sermão se publicava o cathalogo dos livros reputados máus pela censura do religioso. No dia seguinte os missionarios receberam de toda a parte enormes massos de livros, que eram as obras de Voltaire, de Rousseau, de Diderot, e de todos os philosophos; de Moliere, de Regnard, e d'uma immensidade d'auctores dramaticos; de Parny, de Dorat, e de grande numero de poetas. Os romances, esses contavam-se aos centos nesta larga offerenda. — Todos estes livros estavam bem conservados, a maior parte muito bem encadernados, e dourados nas bordas das folhas. — Quando todas as pessoas piedosas pagaram seu tributo ao sermão contra os máus livros, o prégador e seu companheiro se

ausentaram da cidade, depois de terem expedido um grande numero de caixotes pelas carruagens de posta. — Soube-se depois que estes pretendidos missionarios eram simplesmente dois traficantes, que haviam vestido a roupeta para em proveito das consciencias darem um saque ás bibliothecas d'uma cidade amplamente provida de boas intenções e de máus livros!

J. H. da C. R.

CARTA DO INFANTE D. HENRIQUE,

Filho d'elrey D. João 1.º, a Maphamede, emperador dos Turcos, que tomou Constantinopla.

Eu o Infante Dom Henrique, regedor e governador da ordem da cavallaria de nosso senhor Jesus Christo, Duque de Viseu, senhor da Covilhã, filho dos muito altos e muito excellentes e de grande memoria senhores elrey Dom João, e a rainha Dona Filippa do reino de Portugal e do Algarve, e senhores do senhorio de Septa, que Deos haja suas almas: A ti Maphamede, emperador dos Turcos, faço saber que a mim foi notificado onde vivo no cabo do mundo do movimento que fizeste em vires tomar Constantinopla, e trabalhares de guerrear a christandade; por a qual razão nosso senhor o sancto Padre o fez saber ao muito alto, e muito honrado, muito poderoso elrey meu senhor e sobrinho, filho de meu irmão, enviando-lhe a cruzada contra ti, a qual elle tomou com grande devoção, e eu e outros seus servidores: e depois desto houve noticia da tua grande maldade, por a qual nosso senhor Deus por muitas vezes deu as penas por sua justiça aos mercedores dellas, como fez aos de Sodoma e Gomorrha, a qual maldade a toda a humanidade deve ser aborrecida, porque não é humanal, nem bestial, mas diabolica. Por onde te notifico como a dita Cruzada tenho tomada contra ti, e te punirei por mim e por todos aquelles, que desejam meu serviço, até fim de tua morte, porque te hei por julgado por sentença de Deos: e esto te faço assim a saber para alguns que de ti ficarem não poderem dizer que te trouxe morte sem to fazer a saber: e esta carta e outras duas te envio para se uma te não for dada, que a outra te deem, para haveres certidão de minha firme vontade. Escrita na minha villa de Almeirim a xvj de dezembro de 1462 annos. — O Infante Dom Henrique.

PÓDER DA RASÃO.

Dois cavalheiros inglezes que apenas se conheciam de vista, acertaram de jantar certo dia na mesma casa de pasto, em tempo de eleições para deputados. — Era grande, n'aquella occasião, o bulicio dos partidos; e acontecendo versar a palestra sobre assumptos politicos, de palavra em palavra chegaram os commensaes a insultar-se mutua e solememente. — Foi então que o mais valentão dos dois argumentadores, que era solteiro, e estava, como se lá diz, com o sangue na guelra, desafiou o seu contendor, homem sensato, e de mais a mais chefe de familia. Este cavalheiro acceitou o duello, com a condição de que o valente Ferrabraz viria a sua casa na manhã do dia seguinte para, depois de tomarem uma pequena collação, se dirigirem juntos e em carroagem ao campo da peleja.

Não faltou o duellista á hora aprasada; e o bom do desafiado ordenou logo aos seus creados que o conduzissem á casa do jantar. A dona da casa julgando ser aquelle individuo algum amigo do seu homem, que estaria prestes a fazer jornada, esmerou-

se em obsequia-lo. Poucos momentos depois appareceram duas meninas pequenas; tres filhos tambem menores, e uma creança de peito nos braços da ama. O desafiador e seu padrinho, estavam absortos ao contemplar a formosura da esposa, e as graças das innocentes creanças que se entretinham a brincar como era proprio da sua idade. Findo o almoço disse o casado ao solteiro: — « Como homem sou-lhe igual, e estou disposto a segui-lo; porem, diga-me, deixa

v. m.^{ce} em sua casa uma esposa idolatrada e seis queridos filhos? . . . — Não, respondeu o duellista, quasi derramando lagrimas: Tem muita razão; e eu lhe agradeço infinito o haver-me ensinado a avaliar o preço da vida d'um pai de familia: — é esta uma lição que jamais esquecerei. Permitta-me agora que lhe dê um abraço, e lhe offereça a minha eterna e sincera amisade.



O CAMELO LHAMA DA AMERICA.

Este animal é peruviano e igualmente o é o nome que lhe dão hoje os europeus, posto que parece que os indios applicavam o vocabulo *lhama* a todos os animaes cubertos de vello ou laã. O lhama pertence á tribu ruminante, e podemos chamar-lhe o camelo da America, onde servia aos antigos povos como besta de carga, posto que não seja tão forte, nem tamanho como o camelo africano ou asiatico: logo por debaixo da pelle tem uma camada de gordura alta que parece ser-lhe dada pela natureza para conservar o grau de calor necessario nas frigidias regiões das cordilheiras, que habita.

O costume dos peruvianos de se servirem dos lhamas para transporte de cargas diminuiu muito depois da propagação dos cavallos na America; todavia ainda os empregam nas montanhas e passagens difficeis por causa da segurança da andadura, que é vagarosa bastante, mas firme nos trilhos escabrosos.

O lhama é mais esbelto do que o camelo, e não tem como este uma apparencia indolente e estúpida: é muito docil, e não é preciso instiga-lo para andar, porque vai sempre no seu passo regular; se pelo contrario o violentarem para caminhar mais depressa, deita-se e obstina-se em não se mecher; e o mesmo

faz se lhe poem demasiada carga, porque o peso que supporta bem anda por quatro a cinco arrobas. Em tamanho regula por um cavallo de mediana grandeza. Aproveita-se-lhe a laã e o couro; e quando os lhamas são novos dão boa carne, tenra e succulenta.

O PINTOR RUBENS.

Historia do 17.^o seculo.

III.

Não era a primeira vez que Rubens se vira encarregado, junto a poderosos soberanos, de importantes commissões, que prudentemente disfarçava com o pretexto de *viagens artisticas*. Por parte da princeza Isabel, governadora de Flandres, fôra enviado junto á corte de Madrid; e depois por parte de Filippe 4.^o d'Hispanha, junto a Carlos 1.^o rei d'Inglaterra, para concluir tratados de paz e amisade entre ambos os monarchas. Rubens sahio-se tão felizmente da incumbencia que Filippe lhe mandou passar patente de secretario particular do conselho da archiduqueza, Isabel, e o condecorou com a cha-

ve aurea de camarista; Carlos 1.^o creou-o cavalleiro das ordens britannicas em *pleno parlamento*, posto que a pratica fosse fazer-se esta cerimonia n'uma sala do paço de White-Hall.

Chegou finalmente Rubens a Paris com a intenção apparente de retratar o barão de Vicq, amigo seu, e embaixador dos Paizes-Baixos na cõrte de França. Apenas se divulgou a noticia de que o insigne artifice se alojára em casa do fidalgo flamengo concorreu gente infinita a visitar o celebre pintor e cortesão, que tantas memorias deixára, vinte annos havia, quando por longo tempo residira no Luxembourg. O proprio Luiz 13.^o manifestou grandes desejos de fallar a Rubens no paço; e os leitores facilmente comprehenderão que este se não faria rogar muito.

Não tinha a idade desfigurado a nobre physionomia de Rubens; ainda na fronte espaçosa e poetica, nas feições, temperadas pela brandura e vivacidade simultaneas, transpareciam a pureza e energia da mocidade; apenas algumas nodoas esbranquiçadas pela barba e cabeça lhe davam remota semelhança com o retrato, que fizera, de Henrique 4.^o: mas Rubens contava já os seus sessenta e quatro annos. A pessoa de Luiz 13.^o, ao contrario, indicava a velhice prematura, gerada por molestia mysteriosa, rebelde ao saber da medicina. Pallido, accurvado e tremulo, parecia que não podia com o gibão de veludo. As janellas estavam tapadas com cortinados, para lhe não offender os olhos a claridade. Havia infinitas precauções para que o não molestasse a bulha: os quartos que habitava eram contiguos a um paeo do Louvre, onde nunca entravam seges nem cavalleiros, e os degraus das escadas alcatifados de tapetes estofados com laã, para não se sentir o piso dos passos das poucas pessoas que entravam a fallar a elle. Creados e pagens andavam nos bicos dos pés e com calçados proprios para não fazerem motim, apesar da grande distancia em que de ordinario giravam no circuito do regio aposento.

Rubens, entristeceu-se-lhe o coração, vendo as ignominiosas precauções que transformavam a morada de Henrique 4.^o, o rei popular, n'um sepulchro obscuro e mudo, ante o qual recuaria por temor, e susto o mais humilde subdito do reino: porem mais abalado ficou ouvindo a voz desabrida e interpolada do rei, que lhe fallava não com accento varonil, mas com uma especie de gagueira de mulher velha e fanhosa. Dava Luiz a conhecer, logo á primeira entrada, uma absoluta falta de solida educação e o stygma da auctoridade com que alternadamente o dominaram Maria de Médicis e o cardeal de Richelieu: n'uma palavra mostrava um natural fraco, inhabil para se guiar sem alheio influxo, mas sempre recalcitrante contra quem o dirigia; assemelhando-se neste particular ás creanças que se enraivecem contra as amas, mas que, se estas as desamparam, choram atemorizadas. Corriam varios commentarios para explicar tal fraqueza de espirito e corpo do filho do energico Henrique 4.^o e da fogosa italiana, Maria de Médicis: mas, segundo a versão mais geral, suppunha-se que durante os alborotos da sua menoridade lhe subministraram dóse de veneno nos alimentos; que sempre conseguiram salvar-lhe a vida, porem sem obviar inteiramente ao langor e frouxidão, resultados do tóxico fatal. Parecia verosimil esta explicação á vista da lividez perpetua do rei, do tremor continuo em que estava, sem que pudesse aturar por muito tempo ou sentado ou em pé; finalmente, examinando-se-lhe o modo de olhar, ora embaciado, ora acceso por fogo febril, descubria-se um não sei que, revelador da inquietação perpetua, que tanto

lhe flagellava o corpo como o espirito, e que lhes sujeitava ambos a iguaes irregularidades e sobresaltos.

Quando foi Rubens admittido á real presença, estava o monarcha deitado n'um canapé de cõr escura: mas logo pressurosamente se ergueu mal viu o pintor, correu para elle com a ancia de uma pessoa cheia de aborrimto, e que se alegra com qualquer objecto fortuito de distracção.

— Salve, illustre artista, rei da pintura! Bem vindo sejas a casa d'um rei que bem pesada sente a coroa d'ouro, occultadora da dolorosa coroa de espinhos! —

E depois chamou Rubens para uma janella, entreabrindo o cortinado, e pôz-se a contemplar com sentimentos d'inveja o vigor e frescura do velho.

— Não vos mudou o tempo, mestre: [lhe disse não sem algum despeito] pareceis meu irmão mais novo; e a mim, olhai bem; vão-se-me enrugando as faces, encovando os olhos, e debilitando as forças. Mas como vos colheriam as mortificações, se vos rodeam os prestigios da gloria, do talento e da fortuna!

— Senhor, respondeu Rubens, não é nada disso o que me tem dado socegada existencia e venturosa velhice. Se os cuidados me não sulcaram o rosto, se vou alegremente supportando esta carga d'annos, não o devo á gloria, mas sim á felicidade domestica, que me alivia do pezo dessa gloria e me dá repouso e commoda vida. Fallo verdade, senhor; minha mulher, meus filhos, a minha santa mãe (em quanto aprouve a Deus conserva-la na minha companhia) são, e por minha alma o juro, os que me tem suavizado a existencia. Eis-aqui porque eu bemdigo cada um dia que a Providencia se digna outorgar-me! Eis-aqui porque levanto quotidianamente as mãos ao céu com vozes de reconhecimento! . . . —

E ao dizer isto, vinham as lagrimas aos olhos do piedoso flamengo — Calai-vos, mestre, calai-vos . . . não me falleis em familia: primeiro que tudo attendei ao que praticou minha mulher: coroada rainha de França, Anna d'Austria não escrupulisou entrar na conspiração de Chalais contra a minha pessoa! Estrangeira, que nunca pôde naturalisar-se franceza!

— «Mas, senhor, accusará a calumnia com odiosas imputações a rainha? . . . —

— «Calumnia! . . . Como és sincero, meu Rubens, com essas tuas idéas lá das margens do Escalda . . . Não sabes que ás pessoas da cõrte nunca se levantam calumnias; porque por mais que digam dellas, nunca se chega a transpor os limites da verdade? . . . Até os filhos são monstros d'ambição . . . Queres saber o que meu filho, uma creança de quatro annos, dizia hontem brincando assentado nos meus joelhos? . . . Senhor, quando morreréis para eu me chamar Luiz 14.^o? . . . Quanto a meu irmão, falta-lhe a necessaria força que não os desejos, para me arrojar do throno: não ha conjuração inepta contra a minha auctoridade em que elle se não intrometta: mas parece que por sina delle ou por tolice todos esses enredos desfazem-se; e assim vamos escapando, Gastão a jurar sempre que não cahirá n'outra, eu a perdoar-lhe, e elle dahi a mezes armando nova tramaioa.» —

— «Porem vossa mãe, senhor . . . —

— Minha mãe? . . . Amava-a eu ternamente; amo-a ainda, Rubens. Quando ainda ha pouco fallaste na tua, e se te humedeceram as palpebras, outrotanto me aconteceu por identica lembrança . . . Porem não vês que minha mãe é dos meus inimigos mais acerrimos? Antigamente quando residia em França, todos os dias appareciam conjurações, havia resistencias e até combates em que o sangue do misero povo corria; ao presente lá por fóra tudo são

calumnias contra a minha pessoa, alianças com os meus inimigos, instigações para me declararem guerra, e tudo obras della... Ainda nem uma só vez procurou reconciliar-se comigo!.. Nem sequer uma carta me tem dirigido! Actualmente anda na côrte dos Paizes-Baixos tecendo enredos para que se quebre a tregua e se mallogrem as negociações da paz. —

— «Enganaram-vos, senhor; infamemente vos trazem enganado! Por minha alma vo-lo juro! Ha nove annos que vossa mãe proscripta e fugitiva vos supplica compaixão: ha 9 annos que não deixa passar mez sem vos enviar alguma carta; e todas indubitavelmente são por vossos ministros interceptadas, porque não vos chegam ás mãos. Emfim, senhor, aqui tendes uma que S. M. a rainha mãe vos escreveu, debaixo de telhado meu, onde foi demandar asylo, solitaria, sem recursos e até sem alimentos, senhor! e assim mesmo veio logo uma ordem do governador dos Paizes-Baixos expelli-la daquelle pobre abrigo, e obriga-la a refugiar-se em Colonia. Eis-aqui, senhor, como a rainha-mãe conspira contra vós! Eis-aqui como ella se esqueceu do filho e da ternura maternal! —

Luiz 13.^o escutava Rubens com tal estupefacção que parecia insensato.

— Ah! minha pobre mãe!.. exclamou finalmente.

— «E nem uma exprobração, nem uma só palavra aspera sahe da sua boca contra vós. *«Permitta o céu que eu torne a vêr, a abraçar meu filho!»* Nada mais ella exige, nem outra cousa implora. Digne-se V. M. tomar esta carta e lê-la.» —

Luiz recebeu a carta e a beijou com manifestos signaes d'interior abalo; começou a lêr, mas as lagrimas lhe embargaram a leitura.

— Ah! minha pobre mãe!.. — dizia soluçando.

Depois limpava os olhos, proseguia a lêr, e as lagrimas sobrevinham com abundancia.

«Senhor, (lhe escrevia a rainha) ha bastantes annos que suspiro privada da vossa presença, que tão chara me é; que vos peço misericordia, mas sem obter resposta. Deus e a Virgem sagrada são testemunhas de que as minhas dôres mais pungentes procedem, não do desterro, da pobreza, do abatimento da dignidade, mas da separação em que me vejo do meu querido filho. Não seria, senhor, cruelissima cousa, e fóra do natural para o coração de mãe, o passar desta a outra vida sem tornar a vêr um filho estimado, sem lhe ouvir palavras de consolação, sem obter o perdão das semrazões, que contra elle involuntariamente tivesse commettido?.. Eu não exijo, senhor, entrar em França como poderosa rainha; e [se assim vos aprouver] nem apparecerei na côrte, irei viver n'uma mesquinha terra provinciana: mas, por Deus e seus santos, não me deixeis ficar em terra estranha, não permittais que por mais tempo vossa mãe vá arrojando os pesados grilhões de seu infortunio e miseria, de povoação em povoação, sem achar patria. Porque de certo vós não sabeis, senhor, que a viuva do excelso Henrique 4.^o, e mãe do poderoso rei de França e de Navarra Luiz 13.^o, está a pontos de não ter tecto que a abrigue, nem pão de que se alimente: não sabeis que, se fosse chegada a hora do meu passamento, não haveria quem me cerrasse os olhos e dissesse: este é o cadaver de Maria de Médicis. Tende compaixão, senhor, da minha humilde supplica; e recebei, seja-me embora adversa a vossa decisão, a benção de vossa mãe. — Na cidade de Colonia aos nove dias do mez de Junho do anno da nossa redempção 1652 — A rainha mãe — Maria. —

O rei achava-se no maior auge de agitação d'alma. — «Mestre Rubens, quero que a rainha mãe

dentro em 4 dias esteja em Paris; quero estreita-la nos braços, pedir-lhe perdão: e dabi em diante nada haverá que nos separe. Tendes razão; ha muito tempo que a minha vida seria socegada e a minha saude se restabeleceria, se tivesse procurado o repouso no regaço da minha familia e visse minha mãe ao pé de mim. Que mãe tão carinhosa e desvelada é a minha! Affastando-a da minha pessoa, segui fataes e perfidos conselhos.. Quero infallivelmente que ella volte a este paço; quero recuperar a tranquillidade da alma e o repouso do corpo. Já com esta boa idéa me sinto alliviado... —

— Sua eminencia o cardeal de Richelieu... — veio a este tempo dizer um pagem. Quasi atraz deste entrou o ministro, e logo ao primeiro passo na camara real lançou a vista penetrante, ora para Luiz 13.^o, ora para a carta, ora para Rubens, mas tudo n'um relance: tanto lhe foi sufficiente para descortinar o objecto do colloquio, e ainda que o caso fosse imprevisito e contrariasse os seus projectos, quando chegou a inclinar-se respeitosamente perante o monarcha, já tinha meditado o modo de obstar ás consequencias que dalli poderiam provir.

— Senhor, (disse, simulando grande agitação d'espirito, igual á do rei quando o víra entrar] recebi neste momento tão ruins novas dos Paizes-Baixos que a toda a pressa venho trazer-las á presença de V. M. para prover de remedio a quaesquer futuros males. Fallo diante do mestre Rubens, que provavelmente de lá veio ha pouco, e que poderá informar-vos se taes desastres são ou não reaes. Escrevem-me que S. M. christianissima a rainha mãe, tendo sabido d'Inglaterra, está em Colonia, sendo constringida a saber de Bruxellas por ordem de D. Francisco de Mello. Se tal é, não façais pazes nem ajustes, senhor, com tão vil gente, que falta ao respeito á mãe do rei christianissimo. Guerra com elles, senhor! —

Assombrado o rei de ouvir fallar Richelieu por esta maneira, e um pouco restaurado do abalo que lhe causára a inesperada vinda deste primeiro ministro: o cardeal, sem que lhe deixasse tempo de pensar, continuou: — Se a rainha mãe partiu d'Inglaterra, justo é que se lhe dê um logar mais digno, e asylo honroso que a ponha já em salvo, e a livre da inhospitalidade dos boçaes flamengos e arrogantes hespanhoes... —

— Sim, sim, dizes bem... —

— Se lhe escaceam os meios, é necessario tambem que a sua pessoa seja acompanhada do fausto real. E rainha de França, e é da casa de Medicis; são dois titulos que a obrigam a proteger as artes. Não vos parece justo, mestre Rubens?... —

— S. M. a rainha mãe (respondêu o pintor) não quer tanto; contenta-se com muito menos, basta-lhe tornar a vêr seu filho.

— E hade vê-lo brevemente (tornou o cardeal); mais cedo do que o espera. Tem sido este, e devo agora confessa-lo, o alvo secreto de todos os meus pensamentos e diligencias. Por desgraça não é cousa facil, e tenta-la imprudentemente causaria resultados fataes. Houve suspeitas funestas contra a rainha, e ainda não foi possível desfazer-las completamente na opinião popular. Ninguém está mais convencido do que eu da innocencia de S. M. a rainha, mas o vulgo ainda por ahí diz que não está ella de todo pura no que respeita ao assassinio de Henrique 4.^o, e que o veneno do infame Concini não poupára o filho da rainha, rei de França... —

Rubens mostrou signaes de indignação e cólera..

— Os corações generosos, como o vosso e o meu, Rubens, (proseguiu o cardeal) sabem avaliar essas mentiras; com a opinião popular ainda poderemos;

mas a fidalguia é mais custosa de accomodar. Muitos nobres se declararam contra S. M. a rainha mãe em serviço do rei; estes se a virem recolher ao reino, se encherão de terror e desconfiança, porque S. M. jurou vingar-se delles e sabido é que não usa faltar aos seus juramentos. Outros pelo contrario estimarão que ella venha para se rebellarem, porque a firmeza da auctoridade do monarcha lhes é pesada; e sem que S. M. a rainha o queira será causa de muitas tentativas criminosas; para prova aqui está uma carta da mesma senhora, dirigida ao principe Gastão, irmão d'elrei, que ha pouco m'a confiou, em que lhe revela os motivos da vinda de mestre Rubens a Paris. Aqui está o que nella se lê: «Vosso irmão ouvirá sua mãe assim que lhe fallar; e eu encarregome de consolar as vossas magoas e de vos alcançar os favores que elle agora vos recusa «ou para melhor dizer o cardeal» vinha na carta; mas Richelieu supprimiu esta phrase.

— E a letra é de minha mãe —, disse com enfado o rei, tomando o papel da mão do cardeal.

— Quanto és imprudente, Maria de Médicis (considerou para consigo Rubens); destruíste quanto tinha feito a teu favor. —

Voltando-se o cardeal para Rubens: — Então que dizeis a isto, meu habil pintor? —

— Digo que S. M. a mãe d'elrei não tem outro abrigo em Colonia senão a minha pobre casa, que lhe emprestei. —

— Pois S. M. elrei da-lhe um soberbo palacio em Florença e uma dotação real para manter o esplendor de sua casa e nome: e todas as dividas que a mesma senhora tiver contrabido serão pagas.

— Tal é a nossa vontade — proferiu o rei retirando-se.

— E morrerá vossa mãe sem vos ver, senhor! — exclamou dolorosamente Rubens. —

O rei suspendeu os passos: e Rubens proseguiu. — Em nome da santa Virgem, senhor, compadecei-vos de quem em seu ventre vos trouxe: veja-vos ella somente um dia, uma hora, um minuto; mas consiga o ver-vos antes de findar a vida. —

— Mestre Rubens, lhe disse o cardeal, com que direito pretendeis lutar contra a real vontade? —

— Cardeal de Richelieu, redarguiu o pintor, com que jus quereis lutar contra as ultimas vontades de uma mãe, que tem direito sagrado para ver seu filho? —

— Tomai tento nas palavras — replicou o ministro, mordendo os beiços. Rubens, sorriu-se desdenhosamente, e voltando-se para o rei lhe disse — «Vossa Magestade assim o quer; serei portador de palavras de desesperação para vossa mãe! Deus vos defenda e perdoe, senhor!» — E fez um respeitoso cumprimento e sahio.

O rei deu ainda alguns passos para o chamar, mas faltaram-lhe ao mesmo tempo a voz e as forças, e cahiu sobre uma cadeira quasi nos braços do cardeal — «Armand, meu fiel Armand, (balbuciava o misero monarcha) eu quero tornar a ver minha mãe! quero novamente abraça-la!» —

— Senhor, nada de fraqueza! (lhe advertiu o cardeal) Não vos precipite a bondade do coração a decidirdes de modo que vos arrependais. Lembra-vos quantas vezes em paga de generosos votos tivestes amargas decepções! Com vossa mãe em Paris não esperéis paz nem descanso; tudo serão censuras, e contendas. Por minha parte vos declaro que a chegada da rainha será o signal da minha immediata ausencia; porque em tal caso reputarei impraticavel qualquer serviço meu junto á pessoa de V. Magestade: e ficar-me-ha a liberdade e a consolação de consagrar a

Deus o resto de minha existencia angustiada e que de dia para dia cada vez mais abbreviam incessantes trabalhos e cuidados. —

Ouvia o rei quasi estupidamente as palavras do cardeal; eis senão quando uma galga linda e branca saltou de repente para o meio da camara e veio estender-se aos pés do monarcha, que se poz a affaga-la com gestos e palavras. — Que foi feito de ti, minha formosa, em todo o dia? Fizeste como os cortezãos; tambem és ingrata! Vem comigo, minha mimosa; . . . por entre os cortinados raia o sol, e penso que um passeio me restabelecerá. —

Levantou-se o ignobil Luiz fazendo festa ao seu animal válido, entrou n'uma carruagem que sempre estava ás ordens do real capricho, e sahio do Louvre sem outra idéa, ou sentimento que não fosse gozar da brandura da estação e do calor do sol.

Richelieu sorriu-se desdenhoso, e foi dictar uma ordem para que o mestre Pedro Paulo Rubens despejasse de Paris immediatamente. Quando porem chegou a ordem a casa do barão de Vicq, o pintor Rubens já seguia viagem havia mais d'uma hora. Não obstante isso o embaixador dos Paizes-Baixos respondeu ao insulto do ministro francez participando que sahia tambem da côrte no dia seguinte. Quando esta resposta deram ao cardeal, recebeu-a este com indizível colera que lhe custou a disfarçar; mandou porem logo chamar o padre José, frade capucho, que veio com promptidão.

— Reverendo padre, (lhe disse o ministro) preciso é caminharde já e já para Colonia. Nada de poupar dinheiro ou cavallos para lá chegar primeiro que o pintor Rubens, que ha poucos minutos sahio da cidade. Procurareis a rainha mãe, e a resolveis a partir para Florença, onde a esperam a munificencia e perdão real. A rainha confia muito na vossa pessoa; não me esquece que por instigação vossa mandou edificar o recolhimento do Calvario. Se estiver doente, prestai-lhe os socorros espirituaes, e alcançai della o esquecimento do resentimento e rancor que manifesta contra mim . . . — Ide em paz.

O capucho com impassivel physionomia ouviu, cortejou, e partiu.

— Agora nós, mestre Rubens! (exclamou sosinho o cardeal, rindo como um jogador de profissão, que se põe á banca com um novato provinciano). Agora nós! Não se contentava com o pintar formosos quadros! quiz metter a fouce na seára alheia, e entrar pelos campos da diplomacia! Agora o sabereis, senhor Rubens, se já o não sabeis, que ninguem joga com o cardeal de Richelieu como com Philippe 4.^o d'Hespanha, ou com o pobrete Carlos 1.^o d'Inglaterra, que está a pontos de que os subditos rebellados lhe façam o mesmo que eu mandei fazer a Cinq-Mars. (Concluir-se-ha.)

INSTRUÇÃO PUBLICA EM FRANÇA.

SEGUNDO a estatistica da instrucção publica em França no anno de 1839, existem os seguintes estabelecimentos d'instrucção superior, a saber:

	<i>Alumnos</i>
41 Collegios reaes, frequentados por . . .	10:975
317 Collegios communaes	22:058
101 Instituições	8:678
1:007 Collegios d'alumnos internos	23:538
—	—
1:466	65:249

Mettendo agora em conta as escholas primarias, o numero total das casas de educação anda por 40:000,

frequentadas por 4 milhões d'individuos entre creanças e adultos.

Despezas com a instrucção publica em França.

O orçamento, approvado pela camara dos deputados em sessões de 12 e 13 de Julho de 1839, relativo ás despezas do ministerio da instrucção publica no anno de 1840, sendo ministro desta repartição M. Villemain, contém as verbas seguintes.

	Francos
Administração central, pessoal	106:000
" " material	115:600
Conselho real. Inspectores geraes da universidade	268:000
Encargos geraes da universidade	296:700
Encargos especiaes	1:053:900
Instrucção superior. — Faculdades	2:481:380
Instrucção secundaria. — Collegios reaes e communaes	1:908:850
Instrucção primaria. — Despezas a cargo dos fundos geraes do orçamento	1:500:000
— Despezas a cargo do producto dos centimos addiccionaes, votados pelos conselhos geraes	3:957:000
— Despezas a cargo da porção dos cinco centimos especiaes, votados pelos conselhos geraes	100:000
— Escolas normaes primarias	300:000
Instituto	562:000
Collegio de França	144:044
Museu d' historia natural	480:450
Junta (bureau) das Longitudes	121:700
Bibliotheca real	376:500
Serviço das bibliothecas publicas	171:323
Subscrições para obras litterarias	180:000
Para animar, e soccorrer os sabios e litteratos	200:000
Collecção e publicação dos documentos ineditos relativos á historia nacional	150:000
Subsidio para os fundos dos aposentados? (fonds de retraite)	280:000
	15:253:447

Isto é mais de seis milhões de cruzados.

J. H. da C. R.

THEOREMAS DE PLATÃO SOBRE A JUSTIÇA.

DEFINE-SE a justiça = *regra de bem obrar*. = É a base da nossa existencia, e em certo modo a de toda a sociedade: e tanto assim que até os proprios malvados carecem de fingir certo apêgo á justiça. — A injustiça é, pelo contrario a ruina e destruição do genero humano.

A justiça ou injustiça não devem julgar-se por seus effeitos, isto é, pelo bem ou mal que dellas resulta: convem defini-las segundo a sua natureza. — Eis a razão porque o homem de bem não deixa de ser feliz, quando lhe sobrevem calamidades, e o malvado não cessa de ser desgraçado ainda que pareça prosperar.

A candura, inteireza, e boa fé, são os eixos sobre que gira a machina social, e os verdadeiros cimentos do commercio da vida: cumpre, por isso, praticar estas virtudes até com os proprios inimigos.

Para a justiça ha premios estabelecidos assim na presente como na futura vida; mas como aquella seja curta, convem que para esta voltemos a nossa attenção.

Deus cuida desveladamente no genero humano; e observando o procedimento dos justos e o dos impios ama aquelles e aborrece estes. Devemos portanto concluir que posto sobrevenham aos justos acontecimentos a que o vulgo chama desgraças, bem longe de o serem se transformarão um dia em verdadeira felicidade. Para o impio tudo acabará mal, ainda que, ao princípio, tal não pareça.

De ser-mos bons ou máus depende a nossa felicidade e bem estar: á vista destes principios de eterna e reconhecida verdade quem não se esforçará por modelar as suas acções pelas regras da justiça?

Não são os annos nem as enfermidades que nos dão uma velhice dolorosa, e importuna; aos costumes depravados, que contrahimos na mocidade, devemos estes males que pudéramos evitar. Se quereis gosar ditosa velhice segui constantemente a senda da virtude.

É tão evidente a existencia de Deus que para prova-la são desnecessarios argumentos: — esta verdade penetra até no coração dos malvados.

Dizer que a religião e o sentimento da existencia de Deus são invenções humanas introduzidas com o fim de conter os homens nos seus deveres pelo temor de um poder supremo, é uma proposição summamente irracional e absurda. — Não póde haver expressões que mais offendam os ouvidos.

Quem nega a providencia de Deus nega a sua existencia: — o ente que nada é capaz de obrar parece que tambem não póde existir. — Quem tira a Deus a direcção e tutela do mundo despoja-o da divindade. Desgraçado de quem se atrever a duvidar do seu grande e incomprehensivel poder!

DIFFERENÇA ENTRE SER REI E NÃO O SER.

QUANDO Carlos 5.^o fez a memoravel abdicção da sua corôa teve, antes de recolher-se ao mosteiro, uma conferencia com Seldio, embaixador de seu irmão o imperador Fernando, que durou até á noute. Seldio despediu-se de Carlos, que tocou a campanha para que viesse um creado acompanhar o embaixador á escada; porem debalde chamou, porque ninguem lhe appareceu. — Carlos pegou então n'uma véla para alumiar ao embaixador; no que este não queria consentir dizendo que não era proprio que um monarcha tão poderoso tivesse com elle condescendencias que até um seu igual recusaria. Ao chegarem ao fim da escada disse o monarcha ao embaixador: "Seldio não te esqueças de contar, quando eu partir deste mundo, que houve um imperador a quem conheceste cercado de exercitos poderosos, servido por nobres de primeira grandeza, e acompanhado por brilhantes guardas, que apenas renunciou o poder se viu abandonado até pelos seus creados, sendo obrigado a ir alumiar a um amigo até á porta da rua. Conheço que esta mudança de fortuna procede da divina providencia que quer experimentar-me; mas eu espero poder continuar a resignar-me á vontade de Deus."

HA muitos homens medianos, porem mui poucos excellentes.

TENDO fallecido D. Henrique de Menezes, que governou a India com fama de valor e de justiça, fallou-se de suas prendas n'uma roda de fidalgos: sahio um, que por lá andára, taxando-lhe certo defeito, ao que respondeu Heytor da Silveira: — Outro maior defeito lhe conheci eu, e foi não desterrar da India quantas más linguas havia.